

MEMÓRIAS 2019

“O Estreito de Gibraltar, Ceuta e Tânger
no Atlas de Pedro Teixeira Albernaz”

Vasco Mantas

O ESTREITO DE GIBRALTAR, CEUTA E TÂNGER NO ATLAS DE PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ

Comunicação apresentada pelo Académico,
Vasco Mantas, em ?? de ????????

A publicação em Espanha, em 2003, do *Atlas* de Pedro Teixeira Albernaz, vagamente conhecido até essa data, permitiu, através de uma edição muito cuidada e enriquecida por comentários de vários especialistas de renome¹, desenvolver estudos complementares centrados em particularidades da referida obra, como os contributos que nós próprios publicámos, insistindo sobretudo em aspectos históricos². Resta ainda um enorme campo para que se desenvolvam novas e mais profundas análises do *Atlas*, no seu conjunto ou focando circunstâncias específicas do mesmo, nomeadamente estudos centrados nas ilustrações dos portos nele figurados, muitos deles pela primeira vez. Para esta comunicação, atendendo ao lema do Colóquio, decidimos elaborar algumas notas sobre a representação do Estreito de Gibraltar e das cidades de Ceuta e Tânger, cuja importância na geopolítica regional se mantem, sobretudo no cenário contemporâneo de um Estreito sempre presente na história e onde quotidianamente se mesclam tradições e desafios (Fig. 1).

Para que tenhamos uma ideia do real valor deste *choke point* no que toca ao tráfico marítimo recordamos que, por ano, atravessam o Estreito cerca de 100000 navios, movimento que uma força naval relativamente modesta ou o simples controlo das suas margens, pode prejudicar ou bloquear com alguma facilidade.



Fig. 1 – As três soberanias antagónicas actualmente presentes no Estreito de Gibraltar.

¹ Felipe Pereda e Fernando Marías (eds.), *El Atlas del Rey Planeta. La "Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos" de Pedro Texera (1634)*, Editorial Nerea, Hondarribia, 2002 (= *Atlas*).

² Vasco Mantas, *O Atlas de Pedro Teixeira e os portos do continente português nas vésperas da Restauração*, Memórias da Academia de Marinha, 38, 2008: 87-118; Notas em torno da representação da Foz do Mondego no Atlas de Pedro Teixeira Albernaz, in *Forte de Santa Catarina. Imagem de um Território*, Figueira da Foz, 2019: 10-19.

inícios do século XVI pela Coroa portuguesa, se reduzira à posse de alguns presídios de difícil e cara manutenção, o que desde logo comprova a sua inelutável necessidade.

Pedro Teixeira Albernaz, ou Albornoz, como também ocorre, nasceu em Lisboa, cerca de 1595, falecendo em Madrid no ano de 1662. A formação e toda a sua vida profissional decorreram no cenário da união dinástica e do conflito que lhe pôs fim, o que explica, pelo menos em parte, o rumo que seguiu depois de 1640. A família Albernaz conta com diversos cartógrafos, activos em várias regiões, especialmente na Península Ibérica e na América do Sul. Pedro Teixeira e seu irmão João Teixeira eram filhos de Luís Teixeira, que foi Cosmógrafo-Mor do Reino, colaborando os irmãos em vários trabalhos cartográficos, como o dos Estreitos de São Vicente e Magalhães, datado de 1621, tendo talvez integrado a expedição Nodal⁶.

Os dois irmãos separaram-se, permanecendo Pedro Teixeira em Espanha, onde desenvolveu prolongada actividade, em parte pouco conhecida. A Restauração de 1640 foi relativamente prejudicial a Pedro Teixeira, uma vez que permaneceu leal a Filipe III, o que contribuiu para o afastar definitivamente do irmão, cuja posição restauracionista pode ter sido estimulada pelo facto de ter sido preterido em 1622 no provimento no cargo de Cosmógrafo-Mor do Reino. Pedro Teixeira, pelo contrário, não só permanece em Espanha como, entre 1640 e 1642, o encontramos em Badajoz com a patente de capitão de artilharia, colaborando na campanha que se preparava contra os revoltosos portugueses⁷.

Um dos resultados da permanência de Pedro Teixeira em Espanha foi a elaboração da excelente planta de Madrid, publicada em 1656, a qual deve situar-se entre as melhores que deste tipo se produziram na segunda metade do século XVII, quer pela abundância de detalhes, quer pelo aspecto estético, factor importante na cartografia da época e que voltaremos a encontrar, com maior liberdade e colorido, nas ilustrações do *Atlas*, o seu verdadeiro *magnum opus*. Seja como for, a formação do autor, que deve bastante a outro grande cosmógrafo português ao serviço dos Filipes, João Baptista Lavanha, com quem Pedro Teixeira trabalhou directamente, é portuguesa, filiando-se perfeitamente no ambiente científico da família Albernaz.

A obra, da qual antes apenas se conheciam versões sumárias e relações escritas intitula-se na verdade *Descripción de España y de las Cuestas e Puertos de sus Reynos* (Fig. 3). Durante muito tempo considerada perdida, foi identificada como o *Codex Miniatus 46*, na *Hofbibliothek*, a antiga Biblioteca Imperial, actualmente *Österreichische Nationalbibliothek*, de Viena de Áustria, onde se conservam outros tesouros cartográficos históricos. Esta circunstância recorda a necessidade de pesquisar documentação portuguesa fora do nosso país não só em Espanha, mas noutras regiões da Europa que, ao longo dos séculos XVI e XVII pertenceram aos vastos domínios dos Habsburgos. Com efeito, durante a dinastia filipina muitos portugueses desenvolveram as mais variadas actividades, quer na Europa, quer nas possessões espanholas noutros

⁶ *Atlas*: 12.

⁷ *Atlas*: 17-19.

continentes, e entre eles convém destacar os cartógrafos. A carreira de Pedro Teixeira Albernaz ilustra perfeitamente esta realidade. Não nos devemos admirar, portanto, pelo achado do *Atlas* em Viena, ainda que se desconheçam as circunstâncias da sua deslocação.

O *Atlas* possui 87 folios, com um total de 102 mapas respeitantes aos vários reinos peninsulares da coroa espanhola, pintados sobre velino. Ostenta hoje três numerações distintas e nalguns dos mapas falta a legenda, notando-se também a ausência de alguns brasões. A descrição do litoral tem início na fronteira basca e segue em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio até à fronteira pirenaica catalã. Eram já conhecidas versões resumidas do *Atlas*, com um número muito reduzido de figuras, uma destinada ao Marquês de



Fig. 3 - Frontispício do *Atlas* com dedicatoria, autoria e data (Österreichische Nationalbibliothek, Viena).

Legañes, D. Diego Mexía, importante figura militar da época, e outra pertença do eclesiástico português D. Jerónimo de Mascarenhas, partidário filipino que terminou a carreira como bispo de Segóvia⁸, além das relações escritas com a descrição das costas da Península Ibérica⁹, conservadas na Biblioteca Nacional de Madrid, na *British Library*, em Londres, e em Viena de Áustria (*Codex Vindobonensis 5707*), intitulada *De la forma, grandeza, fertilidade y riqueza de España*, evidentemente relacionada com as imagens do *Atlas* apesar do seu título e conteúdo.

A quase nula difusão da obra, nunca impressa, deve relacionar-se com a finalidade da mesma e com o destinatário, que os editores consideram ter sido Filipe III, hipótese muito provável, o que dificulta entender o aparente secretismo que se nota na elaboração dos mapas, ou pelo menos de parte deles, ainda que não faltem dados sobre capacidade portuária, batimetria e fortificações costeiras. Muitas das imagens não foram completadas, por razão desconhecida, notando-se desfazamentos no conteúdo da informação. Por exemplo, os dados respeitantes à batimetria portuária só ocorrem nas imagens respeitantes ao litoral português, com notória exclusão do Algarve. Falta de informação ou preocupação de segurança a propósito de uma costa particularmente sensível aos ataques dos corsários, sobretudo barbarescos? Aliás, não faltam nas figuras do *Atlas* representações desses navios, não se esquecendo o cosmógrafo de indicar a pequena angra no Estuário do Arade onde se escondiam as embarcações mauritanas¹⁰.

⁸ *Atlas*: 35-38.

⁹ *Atlas*: 47-48.

¹⁰ *Atlas*: 342 [77, 52 vº].

A iconografia portuária foi elaborada recorrendo a triangulação e representação planimétrica associada a elementos topográficos e corográficos, resultando uma visão tridimensional, própria das fotografias aéreas oblíquas¹¹. Nota-se algum convencionalismo nas representações, que nem sempre pretendem ser estritamente realistas, resultando uma imagem à *vol d'oiseau* a partir do mar, construída sobre elementos zenitais e perspectivados ou pseudoperspectivados. A execução do *Atlas*, sem dúvida por determinação oficial, obrigou a trabalhos que se prolongaram por muitos anos, aparentemente entre 1622 e 1634, trabalho que terá tomado nove anos para recolha de dados e mais três para a elaboração dos mapas e figuras.

Passemos então à análise da representação do Estreito de Gibraltar e das cidades de Ceuta e Tânger. O primeiro aspecto a sublinhar consiste no facto de a descrição do Estreito aparecer no *Atlas* integrada num anexo constituído por duas *Tábuas* especiais, a segunda figurando a fronteira pirenaica¹². Esta simples circunstância demonstra de forma exemplar que o Estreito era considerado, antes de tudo, uma fronteira da Península Ibérica, uma espécie de espaço estratégico à guarda de espanhóis e de portugueses, guarda avançada da Europa face à África, mas também do permeável acesso do Mediterrâneo ao Atlântico. Sobre ele escreveu Pedro Teixeira: *Por ser el Estrecho de Gibraltar uno de los más nombrados del mundo y formar lo la tierra de España de una parte y de la otra la de África, sujeta también a España, me pareció cosa agregada a esta descripción de la costa de España*¹³.

Pedro Teixeira conhecia bem a área do Estreito, descrevendo encomiasticamente o penedo de Gibraltar como *la cosa mas particular y hermosa que tiene la costa de España*¹⁴, impressão consensual, evocando todavia sentimentos contraditórios dos dois lados da linha de demarcação hoje existente. Sabemos que se ocupou da construção do *Muelle Nuevo*, a sul da cidade de Gibraltar, provavelmente em 1621, ano da vitória espanhola da *Armada do Mar Oceano* sobre uma frota comercial holandesa poderosamente escoltada¹⁵. passando depois ao estudo preliminar da construção em Ceuta de um molhe no *Puerto del Rey*, na Península de Almina, concluindo por emitir um parecer negativo, como



Fig. 4 – O Estreito de Gibraltar no *Atlas* de Pedro Teixeira Albernaz [88, fl. 59 vº].

¹¹ Raymond Chevallier, *La photographie aérienne*, Paris, 1971: 11-13.

¹² *Atlas*: 48, 357-358, 381 [88, 59vº ; 115, 82-83vº]

¹³ *Atlas*: 357.

¹⁴ *Atlas*: 345.

¹⁵ Pedro Teixeira refere ter assistido à *ocasión del Estrecho de Gibraltar*.

sabemos através dos seus próprios testemunhos escritos¹⁶. Durante estes encargos Pedro Teixeira teve oportunidade de navegar ao longo das margens do Estreito, remontando provavelmente a este período parte dos elementos utilizados na cartografia da zona.

Mas os problemas existem. Na realidade, a representação cartográfica do Estreito é das menos conseguidas do *Atlas*, notando-se em especial o traçado da costa africana entre o Cabo Espartel e Ceuta (Fig. 4), com uma acentuada projecção setentrional contrária à realidade. Como explicar esta discrepância? Podemos admitir que as condições de segurança na região tenham impedido um levantamento rigoroso ou que os elementos utilizados fossem parciais ou de segunda mão, sem que nos seja possível aprofundar esta questão, desde logo sublinhada



Fig. 5 – O sítio de Alcácer Ceguer (Ksar Sghir) visto do Estreito.

pelos editores do *Atlas*¹⁷. Tomemos o exemplo da localização da Ilha de Perejil (Ilha da Salsa), hoje de soberania incerta e onde se verificou um rocambolesco episódio reivindicativo marroquino em 2002. A ilha está posicionada no *Atlas* muito deslocada para poente, perto de Alcácer Ceguer, que se localiza entre Ceuta e Tânger. A povoação de Alcácer Ceguer (Ksar Sghir), abandonada pelos portugueses em 1550, aparece no *Atlas* numa posição relativamente correcta, mas deslocada para o interior, bastante afastada do mar e ocupando uma posição elevada (Fig. 5), talvez inspirada no Monte Seinal, que lhe fica sobranceiro e onde se pretendeu levantar um forte pouco antes da evacuação da praça¹⁸. É difícil explicar esta incorrecção por parte do cosmógrafo, pois mesmo que não tivesse visto o local em pormenor bastaria tê-lo observado de longe, uma vez que a fortaleza fica junto à praia¹⁹, dotada de uma couraça que conduz directamente ao mar (Fig. 6), ou poderia, com facilidade, receber informações sobre a mesma.

Não podemos esquecer, todavia, que na cartografia da época é normal encontrar erros semelhantes, sobretudo em mapas que representam aspectos gerais, facultando uma informação menos precisa, tanto mais que neste caso se tratava de uma posição abandonada e

¹⁶ *Atlas*: 24 [Memorial, Archivo General de Simancas, Guerra Antigua, Leg. 1768; *Descripción geographica de algunas provincias de España*, Biblioteca Nacional de España, Ms 1802].

¹⁷ *Atlas*: 381.

¹⁸ Pedro Dias, *A arquitectura dos portugueses em Marrocos*, Coimbra, 2002: 64-65; Francisco Lobo, *A fortificação de Alcácer Ceguer, Pedra e Cal*, 36, 2007: 22-24.

¹⁹ Pedro Dias, 2002: 55-63; Jorge Correia, *Qsar Es-Seghir: apports sur l'état de l'art et révision critique*, Braga, 2013.

de pouco valor portuário. Mas terá Pedro Teixeira corrido a costa africana entre Ceuta e Tânger para expressamente recolher informação para o *Atlas*? Sabe-se que durante alguns anos, até 1621, pertenceu à *Armada Real*, combatendo corsários no Mediterrâneo e no Estreito, circunstância que sugere terem sido recolhidos nesse período parte dos dados que utilizou na sua *Tábua* do Estreito, o que parece comprovar-se indirectamente pelo maior rigor das representações de Gibraltar e de Ceuta, onde nos primeiros anos da década de vinte se ocupou de trabalhos portuários que lhe permitiram um conhecimento muito mais pormenorizado²⁰.

Os anos que precederam a conclusão do *Atlas* foram complicados para a Coroa espanhola, confrontada com poderosos inimigos externos e com crescentes tensões políticas internas que culminariam com a revolta da Catalunha e com o movimento restauracionista português. No Estreito, cuja segurança marítima fora atribuída a Espanha em 1552, a pirataria e o corso barbaresco e otomano continuavam a fazer sentir uma permanente ameaça sobre a navegação e sobre as pequenas povoações costeiras, não se limitando a incursões ao Golfo de Cádiz. O ataque à nau *Conceição* ao largo da Ericeira, de regresso do Oriente em 1621, por uma frota argelina de 17 navios²¹, e o saque da vila de Buarcos em 1626, referido por Pedro Teixeira Albernaz²², repetido em 1629, agora por corsários holandeses²³, são exemplos dos muitos incidentes deste tipo que se desenvolveram no reinado de Filipe III, iniciado em 1621. Não era mais cómoda a situação da segurança em Ceuta e em Tânger, cidades praticamente isoladas e dependentes de apoio logístico por via marítima. Albernaz não se esqueceu de figurar, nas ilustrações da área do Estreito, combates com navios otomanos, que não são simples xavecos. É possível que as dificuldades que se fizeram sentir nos anos 30 do século XVII tenham levado o cosmógrafo, a ocupar-se de outros assuntos, não concluindo pormenores do *Atlas* considerados menos importantes.



Fig. 6 – Ruínas da fortaleza e da couraça nova de Alcácer Ceguer.

²⁰ *Atlas*: 381 [fol.59-60].

²¹ F. Contente Domingues e Maria da Conceição Reis, *Combate e naufrágio da nau Conceição (1621). Tribulações no mar e em terra*, Ericeira, 2012.

²² *Atlas*: 337 [Cod. Vin. 5707, 48 vº].

²³ Carlota Miranda Urbano, “Piratas em Buarcos” digressão épica na oração de sapiência do P. Francisco Machado - SJ (1629) ou reavaliação dos critérios de produção literária do século XVI, *Humanitas*, 49, 1997: 227-243.

Passemos então a Ceuta, cidade por onde começou a expansão africana portuguesa, ainda ditada pela lógica medieval da Cruzada e de enorme impacte na história marroquina²⁴. Apesar das dúvidas que se levantaram sobre a manutenção e custos da mesma logo a seguir à conquista em 1415, prevaleceu todavia o seu interesse estratégico, uma vez que o pretenso valor económico da praça, relevante sob o domínio islâmico²⁵, se limitou sobretudo à actividade corsária desenvolvida a partir da cidade²⁶, cuja posse não era menos incómoda estrategicamente para castelhanos e granadinos. Outra vantagem, rapidamente confirmada, era a de funcionar como “ábcesso de fixação” das forças marroquinas, empenhadas na tentativa quase permanente de recuperar esta e outras posições controladas pelos europeus. Como dissemos, em 1634 esse esforço estava concentrado, na zona do Estreito, em Ceuta e em Tânger, o que não facilitou a vida às praças portuguesas, cuja proximidade com a Andaluzia as tornou progressivamente solidárias dessa região, da qual eram, na prática, uma fronteira avançada.

Parece-nos interessante comparar as representações das cidades portuguesas do Estreito, da autoria de Pedro Teixeira, com outras anteriores, em especial as muito conhecidas gravuras inseridas no primeiro volume da obra de Georg Braun e Franz Hogenberg intitulada *Orbis Terrarum*, cuja publicação se iniciou em Colónia em 1572, na qual se inserem diversas vistas de cidades portuguesas, metropolitanas e ultramarinas²⁷, usualmente atribuídas a Georg Hoenfagel. No caso que nos interessa não é segura a atribuição a este artista das gravuras de Ceuta e de Tânger, ainda que possam ter sido redesenhadas a partir de imagens anteriores. Quer a vista de Ceuta, quer a de Tânger²⁸, mostram fortificações de cariz fortemente medieval, no caso de Ceuta com parte do perímetro muito mal conservado. De uma maneira geral pouco ou nada se identifica que possa corresponder a fortificações modernas, sobretudo na gravura da cidade de Ceuta. Tal circunstância sugere uma datação anterior à segunda metade do século XVI para as referidas imagens, indicando a vista de Tânger que a grande couraça do *Castelo Novo* foi construída por D. João II, o que permite considerar 1481 como *terminus a quo* para a sua construção, logicamente posterior a esta data.

²⁴ Luís Duarte, África, in *Nova História Militar de Portugal*, 1, Lisboa, 2003: 392-408; Othman Mansouri, La prise de Ceuta et ses conséquences pour l'histoire du Maroc, in *A Conquista de Ceuta. Conselho Régio de Torres Vedras*, Torres Vedras, 2015: 115-122; Luís Oliveira e Isabel Cristina Fernandes, A conquista de Ceuta e o caminho de Jerusalém: acerca de um horizonte perdido, in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta. Portugal y el Norte de Africa*, Ceuta, 2016: 27-43.

²⁵ Alessia Amato, Ceuta islamica: incrocio maritimo tra Garb al-Andalus e Mediterraneo Orientale, Secoli VIII -XIII, in *XVIII Jornadas de Historia de Ceuta. Barcos, Puertos y Navegación en la Historia de Ceuta*, Ceuta, 2008: 257-271; J. Hita Ruiz e F. Villada, Medina Sabta, in *Historia de Ceuta*, 1, 2009: 200-308.

²⁶ G. Gozalbes Busto, Aspectos del curso en el Estrecho de Gibraltar (primer siglo de la Ceuta portuguesa), *I Congreso Internacional el Estrecho de Gibraltar*, 2, 1988: 297-308.

²⁷ Georg Braun e Franz Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum. Cities of the World* (Stephan Füssel, ed.), Colónia, 2011 (= *Civitates*). O texto acerca de Ceuta e Tânger é pouco preciso.

²⁸ *Civitates*: 123 [1572: 56, 1, 3]

A quem atribuir os desenhos originais? Como já foi sugerido²⁹, a figura mais indicada para a sua execução parece ser o famoso Duarte de Armas, particularmente conhecido pelo seu levantamento iconográfico das fortalezas da fronteira terrestre portuguesa³⁰, trabalho que levou a cabo em 1509. Sabemos por Damião de Góis que Duarte de Armas esteve na costa marroquina dois anos antes, empenhado no desenho da barra de vários portos, podendo ter executado os desenhos das cidades de Ceuta e de Tânger na mesma ocasião. A esta data corresponde muito bem o tipo de fortificações representadas nas gravuras da obra de Braun e Hogenberg. A missão marroquina de Duarte de Armas inseriu-se na preparação do falhado ataque a Azamor em 1508 e dele escreveu Damião de Góis: [...] *um Duarte Darmas, grande pintor, que traçou e debuxou as entradas destes rios e a situação da terra*. Sem provas seguras apenas é possível admitir a hipótese³¹.

Outra possibilidade é a de ter sido o engenheiro militar Francisco Danzilho, encarregado desde 1511 das praças portuguesas do Estreito de Gibraltar³², o autor dos desenhos originais, nomeadamente o da cidade de Ceuta, cuja proposta de reforma das fortificações enviou a D. Manuel no ano de 1514. O que a gravura inserida na obra *Civitates Orbis Terrarum* mostra, em termos de fortificações, pode perfeitamente corresponder ao estado das defesas por essa data, sem presença signifi-



Fig. 7 – A cidade de Ceuta na obra *Civitates Orbis Terrarum* [I, 56, 1]

cativa de obras correspondentes ao tipo fortificação de transição³³. Cremos que esta segunda hipótese merece mais profunda análise e não nos custa considerá-la vantajosa quanto à primeira, tanto mais que a missão de Duarte de Armas se centrou especialmente na costa atlântica marroquina. Seja como for, comparando os desenhos de Duarte de Armas com as belas figuras editadas por Braun e Hogenberg verifica-se grande diferença no traço e na precisão do mesmo.

Analisemos rapidamente a gravura de Ceuta publicada em 1572 para posteriormente sublinharmos as alterações evidentes na figura do *Atlas* de Pedro Teixeira Albernaz, talvez

²⁹ Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África*, Porto, 2008: 42; Luísa Trindade, *Desenho: discurso e instrumento*, in *Patrimónios de Influência Portuguesa: Modos de Olhar*, Coimbra, 2015: 411.

³⁰ Duarte de Armas, *Livro das Fortalezas* (introdução de Manuel Castelo Branco), Lisboa, 2006³.

³¹ Damião de Góis, *Chronica do serenissimo senhor rei D. Manoel*, Lisboa, 1749: 208.

³² A. Pires Nunes, *Dicionário de arquitectura militar*, Casal de Cambra, 2005: 95.

³³ João Campos, *Almeida. Três pontas notáveis numa estrela singular*, Almeida, 2010: 70-102.

cerca de um século posterior à imagem transmitida por Braun e Hogenberg (Fig.7). Nesta, a área coberta pela figura é quase igual, evidenciando à direita as estruturas do Afrag ou al-Mansura, importante fortaleza palatina controlando a cidade e com grande comandamento sobre o Estreito, construção Merínida iniciada em 1328 por Abu Said, da qual restam ainda numerosos vestígios³⁴, tradicionalmente conhecidos como *Ceuta la Vieja*. À esquerda dessa elevação nota-se a presença de várias atalaias ou fachos, antecedendo as fortificações da cidade e dos arrabaldes, na zona do istmo, pontuada de construções arruinadas testemunhando o abandono da maior parte destas áreas urbanas islâmicas. Na extremidade do istmo, à esquerda, está representada a grande fortaleza edificada por Almançor, no século X, como informa al-Idrisi³⁵, coroando o Monte Hacho (Jebel al-Mina), e na qual existiria um farol que, sem descurar por completo a hipótese, cremos ter sido apenas uma grande torre de vigia do Estreito, para a qual alguns investigadores propõem diferente localização³⁶.

No que toca à cidade propriamente dita, seguramente *atalhada*, apenas o castelo, junto a uma pequena angra protegida por uma couraça, mostra traços de reforma portuguesa³⁷. No interior da muralha urbana encontram-se a Catedral, a Igreja de Nossa Senhora de África, não identificada, e a Igreja de Santiago, bem como o grande terreiro da Praça de Armas, correspondente em parte à actual Praça de África. A costa é rochosa, quase isenta de praias, sem qualquer indício da existência de fossos isolando a Medina, mesmo secos, o que constitui um problema, uma vez que são referidos, ainda que de forma algo imprecisa, por al-Ansari na descrição da cidade que redigiu pouco depois da conquista portuguesa³⁸. Todavia, estamos convictos que os dois grandes fossos em torno da Medina correspondiam à geomorfologia do sítio de Ceuta já na Antiguidade³⁹, ainda que modificados ao longo do tempo.

Na península de Almina, também defendida por uma muralha no sopé do Monte Hacho, igualmente fortificado, vê-se bem indicada a Capela de Santa Catarina. Dois navios fundeados, um de cada lado do istmo, poderão indicar os ancoradouros habituais, de acordo com Pedro Teixeira, assim como o bergantim no canto inferior direito da gravura talvez aluda às embarcações utilizadas na vigilância da costa. Dois dos navios representados são caravelas latinas, possível referência à presença de unidades da Armada do Estreito, que sabemos ter

³⁴ F. Villada Paredes e P. Gurriaran Daza (coords.), *al Mansura. La ciudad olvidada*, Ceuta, 2013.

³⁵ Al-Idrisi, *Description de l'Afrique et de Espagne par Edrisi* (trad. R. Dozy e M. J. de Goeje), Leida, 1866: 200.

³⁶ C. Gozalbes Cravioto, Las fortificaciones de la Ceuta medieval. Una aproximación a su estructura, *I Congreso Internacional Fortificaciones en al -Andalus*, Algeciras, 1998: 401-408.

³⁷ Pedro Dias, Fortificações portuguesas, além-mar, no tempo de D. João II (1481-1495), in *A Arte na Península Ibérica ao Tempo do Tratado de Tordesilhas*, Coimbra, 1998: 27-32; 2002: 33-49.

³⁸ Vallé Bermejo, Descripción de Ceuta musulmana en el siglo XV, *Al -Andalus*, 27 (2), 1962: 398-441.

³⁹ Vasco Mantas, A propósito de Ceuta: algumas questões de geografia e epigrafia antigas, *Humanitas*, 72, 2018: 89-91.

possuído tais navios⁴⁰. Embora falhem pormenores, a localização relativa dos elementos representados é correcta, reflectindo uma informação topográfica muito razoável.

Vejamos então quais são as novidades presentes na figura delineada por Pedro Teixeira Albernaz pouco antes de 1634. Neste caso a interpretação da imagem de Ceuta é facilitada quer pela leitura do manuscrito do autor, nitidamente redigido para acompanhar o *Atlas*⁴¹, quer pela comparação com a cartografia posterior, sobretudo do século XVIII. Não esqueçamos também que a topografia de Ceuta sofreu significativas alterações a partir do século XIX, em especial no litoral a noroeste da cidade, zona onde gradualmente se construíram grandes infraestruturas portuárias⁴², alterando completamente a linha de costa.

A imagem delineada por Pedro Teixeira abrange uma área bastante grande, prolongando-se em profundidade para sul, indicando o Cabo Negro, a embocadura do rio Martil e a cidade de Tetuão (Fig. 8), na época o principal porto marroquino no Mediterrâneo. Longitudinalmente, de nascente a poente, o cosmógrafo representa uma zona que evoca a forma de um bumerangue, estendendo-se desde a extremidade da península de Almina, continuando pelo istmo, onde se levanta a cidade fortificada de Ceuta, e por uma parte do Campo, até junto às *Islas de Martin Vaez*, depois denominadas *Islotes del Campo*, hoje desaparecidas sob os terraplenos portuários aí estabelecidos⁴³.

A primeira impressão transmitida pela figura, que combina desenho perspectivado, evocando uma vista à *vol d'oiseau*, com pormenores praticamente zenitais, caso da representação da cidade, é a de que estamos perante uma visão bastante mais realista e, naturalmente, de aspecto mais moderno, reflectindo a renovação permanente das fortificações a partir dos trabalhos de Benedetto da Ravena e Miguel de Arruda em 1541, destacando-se desde logo os dois fossos inundados à época, o Fosso de San Filipe, ou Fosso Real, e o chamado Fosso Seco, a oriente. Analisando a imagem no mesmo sentido em que o fizemos para a gravura da obra de Braun e Hogenberg podemos facilmente detectar as grandes diferenças existentes.



Fig. 8 – Ceuta e região no *Atlas* de Pedro Teixeira Albernaz [89, fl. 60].

⁴⁰ Rui Godinho, *A Armada do Estreito no século XVI*, in *Colóquio Vasco da Gama: os Oceanos e o Futuro*, Alfeite, 1998: 182-190.

⁴¹ Luis Zolle (transcrição), *Atlas*: 306-358 [fol. 1r-79v].

⁴² J. Torrado López, *Puerto de Ceuta. El pasaje entre continentes*, in *El Estrecho de Gibraltar como lugar de nuevas oportunidades*, Veneza, 2006: 30-37.

⁴³ *Atlas*: 348 [89, fl. 60].

No extremo direito da figura encontramos, acima das desaparecidas Ilhotas do Campo, as ruínas do Afrag, bastante menos evidentes na imagem de Pedro Teixeira, mais verdadeira. As estruturas turriformes figuradas na gravura de 1572, talvez em parte túmulos monumentais islâmicos⁴⁴, são agora menos visíveis na zona da imagem que cobre o Campo Exterior, onde em contrapartida são numerosos os fachos rudimentares, integrando um alargado dispositivo de alerta, desde o *Acho de Barbacote* até ao *Acho de Abajo*. Todo o sector mostra numerosos trabalhos de organização do terreno, com entrincheiramentos, estacadas, caminhos desenhados, faltando ainda as grandes obras defensivas permanentes que garantirão depois a defesa da cortina do Fosso Real e o acesso à cidade, frequentemente atacada de muito perto do lado de terra.

O fosso navegável que isolava Ceuta a poente precedia na imagem uma cortina ladeada por dois imponentes baluartes, o do Torreão e o da Couraça Alta, uma poderosa obra militar, ainda existente (Fig. 9), com uma planta em tenaz, de grande eficácia táctica, logo reproduzida noutras fortalezas ultramarinas portuguesas⁴⁵. Sobre os fossos da cidade escreveu Pedro Teixeira: *Es tan angosta que la baña la mar las murallas así del lado del estrecho y septentrion como del mediodía, comonicándose estas dos mares por dos anchos fozos que la dividen así de la tierra, de la parte del mediodía, como de la que queda del levante que llaman la Almina, quedando toda cercada de la mar, los dos lados por naturaleza y los otros dos por sus fozos*⁴⁶. Outro texto do cosmógrafo refere a sua experiencia pessoal em Ceuta, indicando ter atravessado embarcado o fosso ocidental: [...] *que io he pasado en la fálúa Real con seis remos por banda*⁴⁷.



Fig. 9 – Baluartes do Fosso Real ou de San Felipe na cidade de Ceuta.

Dois outros grandes bastiões marcam os ângulos orientais da muralha urbana, que nos flancos expostos ao mar conservam as torres medievais representadas na gravura publicada por Braun e Hogenberg. A grande praça no interior encontra-se distintamente indicada, bem como a trama dos arruamentos, sugerindo um espaço densamente ocupado, cuja guarnição, segundo Pedro Teixeira, era de 1500 homens, o qual também refere os bergantins

⁴⁴ Virgilio Martínez, José Suárez e Fernando Villada, Maqabir min Sabta. Cementerios musulmanes de Ceuta en la Edad Media, in *Cementerios, necrópolis y otros lugares de enterramiento de Ceuta*, Ceuta, 2016: 50-51, 92.

⁴⁵ J. Barros Matos, As fortalezas abaluartadas de Mazagão, Ceuta e Diu. Implantação e relação com o território, in *Atas do XXIV Colóquio de História Militar (Nos 600 anos da conquista de Ceuta. Portugal e a criação do primeiro sistema mundial)*, Lisboa, 2016: 27-39.

⁴⁶ *Atlas*: 357 [fl. 78vº]

⁴⁷ Ramón Alvargonzález (ed.), Pedro Teixeira, *Compendium Geographicum*, Oviedo, 2001: 177.

estacionados na cidade⁴⁸: *Tiene esta çiudad dos bergantines que corren la costa y se entran a dar fondo en el foço de la parte poniente de la ciudad*. Na península de Almina, onde na gravura de 1572 apenas se mostrava a Capela de Santa Catarina, vêm-se agora várias outras capelas: São Simão, Nossa Senhora do Vale e Santo António (Fig. 10).

Outras raras construções não estão identificadas, não se registrando o enorme campo de ruínas dos arrabaldes orientais figurado na gravura de 1572. A toponímia não é muito rica, destacando-se, a *Cala Oseixal*, a *Cala del Desnarigado*, a *Punta de Almina*, as *Islas de Santa Catalina* e o *Puerto del Rey*, onde Pedro Teixeira desaconselhou o lançamento um molhe. O cosmógrafo explica que a falta de um porto abrigado levava os navios a protegerem-se dos ventos de levante ou de poente mudando de fundeadouro, contornando a península de Almina, tal como sucedeu em 1415 com a frota portuguesa⁴⁹. Esta circunstância obriga a repensar a condição de Ceuta durante o domínio português como centro naval de



Fig. 10 – Pormenor da figura de Ceuta no *Atlas* de Pedro Teixeira Albernaz [89, fl. 60].

valor ofensivo significativo, o que, de alguma forma, é confirmado pelos fracos meios navais de que dispunha. O recuo da *Armada do Estreito* para o Algarve, ainda que podendo operar até Gibraltar quando necessário, aponta claramente nesse sentido, assim como a cedência a Espanha da responsabilidade na manutenção da segurança marítima da região, através de um acordo entre Carlos V e D. João III, um tanto desinteressado da empresa marroquina.

A análise da cartografia ceuti posterior a 1634 mostra enorme investimento nas obras de fortificação do *Campo*, reforçando a imagem de praça terrestre por excelência, destinada e capaz de sustentar prolongados cercos com pouca componente marítima, como o cerco marroquino de mais de 30 anos, terminado em 1727, ainda que no mesmo cenário tenha resistido ao ataque naval anglo-holandês de 1704. É certo que alguma desta cartografia deve ter incluído, em certos casos, obras projectadas e não concretizadas, como sucede frequentemente e se encontra referido num mapa das defesas ocidentais da cidade delineado por autor anónimo em 1723. Apesar de um tanto grosseiro, o mapa francês datado de 1727, reedição de um original de 1706 da autoria de Nicolas de Fer, é o que mostra maior concordância com o que hoje existe para lá do Fosso Real (Fig. 11).

⁴⁸ *Atlas*: 357-358 [fl. 79r]

⁴⁹ J. Gouveia Monteiro, Luzes e sombras na operação militar da tomada de Ceuta, em 1415, in *Atas do XXIV Colóquio de História Militar (Nos 600 anos da conquista de Ceuta. Portugal e a criação do primeiro sistema mundial)*, Lisboa, 2016: 109-110.

Estes mapas permitem acompanhar o processo de transformação dos fossos, mostrando o assoreamento progressivo do fosso oriental, explicitamente indicado a propósito do fosso oriental, *parte en seco, y parte inundado*, como se lê na legenda de um mapa de Ceuta de Tomaz Lopez, de 1780, muito parecido



Fig. 11 – Mapa de Ceuta da autoria de Nicolas de Fer (Paris, 1727).

com um de 1774 delineado por J. G. Deschermont, conservado na Sociedade de Geografia de Lisboa⁵⁰. Em relação à imagem traçada por Pedro Teixeira, onde as defesas levantadas para lá dele são ainda incipientes, é interessante verificar a extraordinária semelhança com outra, transmitida por um mapa de autor anónimo (Fig. 12), datado de 1691, conservado no *Archivo General de Simancas*, representando Ceuta em 1643, mapa que Pedro Dias atribui a cerca de 1585, sem adiantar mais⁵¹. É particularmente no sector ocidental que as semelhanças se destacam, nomeadamente a *patte d'oise* de caminhos convergindo para a cidade e a meia-lua a sul do Barbacote. A orientação e a configuração geral do território são idênticas, o que dificilmente poderá corresponder a uma coincidência. Tratar-se-á da cópia de um mapa de Pedro Teixeira, uma versão simplificada do que inseriu no *Atlas*, o que é possível atendendo à data? Não nos compete analisar o enorme *corpus* cartográfico ceuti, pelo que terminamos aqui as nossas notas sobre esta questão.

A presença militar portuguesa em Marrocos sobreviveu ao desastre de Alcácer Quibir, o que não aconteceu com a soberania nacional. O dispositivo luso foi-se mantendo, num cenário



Fig. 12 – Mapa anónimo de Ceuta representando a cidade em 1643 (*Archivo General de Simancas*).

de guerra frequente cujo ritmo dependia da dinâmica interna marroquina. Arzila foi abandonada em 1589 e Mazagão manter-se-á até 1769, quando o Marquês de Pombal decidiu o seu abandono e a transferência coerciva da população para a Amazônia. A praça de Ceuta seguiu rumo muito diferente. Conhecido o movimento restauracionista, o

⁵⁰ Pedro Dias, 1998: 30.

⁵¹ Pedro Dias, 2002: 46 [Mns. XXXVIII M. P. / D. XII - 78 - G. A. 1518, *Archivo General de Simancas*].

governador Francisco de Almeida manteve a sua fidelidade a Filipe III, passando a soberania *de facto* para Espanha, em 1641, vindo a ser ratificada em 1668 pelo tratado de Lisboa⁵².

Esta circunstância concorreu para limitar drasticamente o interesse português pelo Estreito, tanto mais que as renovadas relações com o Reino Unido alteraram a estratégia em relação ao controlo da pirataria. A cedência de Tânger, aos ingleses, em 1661, como parte do dote de Dona Catarina de Bragança, esposa de Carlos II, aponta claramente nesse sentido, apesar de a cidade ter resolutamente aderido à Restauração em 1643, o que lhe valeu um inopinado ataque marroquino em 1644, provavelmente para tentar aproveitar a mudança de situação. Infelizmente, como se vai comprovando no presente, nem todas as fidelidades merecem o respeito devido quando a geoestratégia se impõe, uma vez que Portugal continuava em guerra com a Espanha.

A gravura de Tânger na publicação de Braun e Hogenberg é, como no caso de Ceuta, de autor anónimo (Fig. 13). O desenho, sobretudo no que se refere aos aspectos urbanos, parece mais metucioso e mais bem perspectivado, em parte devido à própria topografia da cidade. No exterior, à esquerda, indica-se o local do estaleiro, com uma imponente estrutura abobadada. À direita, fora da muralha no lado do Castelo de Cima, mostram-se vestígios de construções que corresponderão a um arrabalde abandonado. A sua localização afasta a hipótese de se tratar de parte da cidade evacuada depois da conquista, *atalhada* para facilitar a defesa com um perímetro fortificado reduzido, como se vai defendendo⁵³. Martin Elbl admite, com reservas, que a ter acontecido limitação do perímetro urbano, esta zona seria aparentemente a mais indicada para tal operação. Por outro lado, é evidente a existência de zonas desocupadas intramuros, sugerindo o seu abandono. Todavia, apesar da distorção da imagem, a hipótese de uma *Grande Tânger*, negada por Pedro Dias⁵⁴, não encontrou por ora comprovação, inclusive nos trabalhos de arqueologia urbana desenvolvidos ultimamente na área a oriente da Porta do Campo⁵⁵.



Fig. 13 – A cidade de Tânger na obra *Civitates Orbis Terrarum* [I, 56, 3].

⁵² J. Castilla Soto, Algunas consideraciones sobre la lealtad de Ceuta a la Corona Hispánica en 1640, *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie IV, 1991: 125-136.

⁵³ Ana Rocha Mendes, O Castelo Novo de Tânger: resgate da arquitectura militar portuguesa entre os séculos XV e XVII, Braga, 2017, Universidade do Minho: 27-38.

⁵⁴ Pedro Dias, 2002: 75-90.

⁵⁵ Martin Elbl, (Re)claiming walls: the fortified Médina of Tangier under Portuguese Rule (1471-1662) and as a Modern Heritage Artefact, *Portuguese Studies Review*, 15 (1-2), 2007: 133-148; *Portuguese Tangier (1471-1662). Colonial Urban Fabric as Cross-Cultural Skeleton*, Toronto-Peterborough, 2013: 111-182.

A arquitectura do Castelo de Cima e do Castelo Novo é característica das construções castrenses portuguesas da transição do século XV para o século XVI. Para além do Albacar e da Couraça Principal, construída por D. João II, nota-se a grande torre do Castelo Novo⁵⁶, muito parecida com a que se levantou em Arzila em 1509, com traça



Fig. 14 – Tânger: os Degraus da Ribeira e os restos da couraça do Castelo Novo cerca de 1900 (*Apud Routh: 274*).

de Diogo Boitaca. No interior da cidade existe uma grande área desocupada e vê-se uma longa rua que deve identificar-se com a Rua Direita ou da Misericórdia, desenvolvendo-se da Catedral em direcção à Porta do Campo, dividindo a área urbana em dois sectores, densamente edificados, com construções desprovidas de terraços. Entre o Castelo Novo e a Porta do Mar, sobre a praia, destaca-se o Cubelo da Ribeira, dominando um dos elementos mais característicos da iconografia antiga de Tânger, os socalcos denominados Degraus da Ribeira (Fig. 14). Tal como em Ceuta, não há instalações portuárias. Numa primeira apreciação o aspecto da cidade, nomeadamente o estado das fortificações parece superior ao de Ceuta.

Que novidade mostra, em relação à de 1572, a imagem de Tânger de Pedro Teixeira? Desde logo devemos reparar que a figura é muito mais abrangente, contrastando com a reduzida representação da cidade. Aliás, o título que encima a imagem aponta para o que é considerado mais importante: *Baia y Campo de la Ciudad de Tangar*. A pequenez da representação urbana não permite grandes pormenores (Fig. 15). O Albacar, o baluarte da Porta do Campo e a Catedral notam-se sem dificuldade, o mesmo acontecendo com os Degraus



Fig. 15 – Pormenor da figura de Tânger no *Atlas* de Pedro Teixeira Albernaz [90, fl. 90vº]

da Ribeira. São agora evidentes estruturas militares abaluartadas, quer na muralha, quer no Castelo de Cima, resultantes das obras de renovação efectuadas na segunda metade do século XVI. A oeste da cidade são visíveis importantes trabalhos de organização do terreno e, um pouco por toda a parte, levantam-se atalaias e fachos, claro testemunho da tática de *segurar o campo*, tal como em Ceuta.

⁵⁶ Pedro Dias, 1998: 40-47.

Todavia, o que mais impressiona nesta imagem, que se estende da Ponta de Tânger até um pouco para lá de Arzila e do Rio Tagadarte até ao Cabo Espartel (Fig. 16), é a rica toponímia portuguesa, ainda que algo castelhanizada, como: *Os Tres Fachos, Torre da Bobeda, Aldea dos Negros, Tierra de Juan Nunes, O Curral, Aldea de don Fernando, A Eira, Meimão, Puerto de Alonso Mendes, Aldea Alta, Aldea de Duarte Pacana, Alfarroqueira, Barroca, Oteiro de los Infantes*. Este tipo de toponímia não se encontra no Campo de Ceuta e é facilmente explicado pelo que escreveu Pedro Teixeira: *Fue antiguamente este campo seguro y poblado com muchas aldeas y cazerías de los moradores desta çiudad. Y despues se vino a perder por las continuas entradas que los cristianos y los moros azen con que fue fuerça dezerpararle por lo que se allavan mal seguros*⁵⁷. Houve, sem dúvida, uma clara tentativa de povoamento em torno da cidade, destacando desta forma a diferença em relação a Ceuta, cidade fortaleza por excelência. A imagem mostra igualmente as ruínas de *Tanger Viejo*, sob a forma convencional de uma muralha torreada, de planta elíptica, indicando no extremo da baía a presença de vestígios de um estaleiro, que não deve ser confundido com aquele que se encontra junto a Tânger na imagem de Braun e Hogenberg, todavia novamente representado na gravura de Pierre Aveline, bastante fantasista⁵⁸, datada de 1700.



Fig. 16 – Figura representando Tânger e a região vizinha no *Atlas* de Pedro Teixeira Albernaz [90, fl. 90vº].

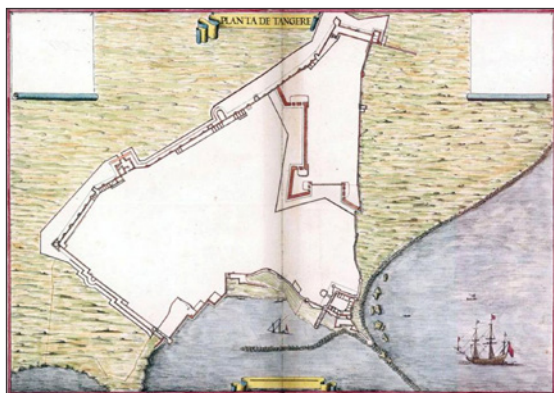


Fig. 17 – Planta das fortificações de Tânger da autoria de Leonardo de Ferrari, datada de 1655 (Krigsarkivet, Estocolmo).

⁵⁷ *Atlas*: 357 [fl. 78r]

⁵⁸ Collection d'Anville (*Bibliothèque Nationale de France*, Paris).

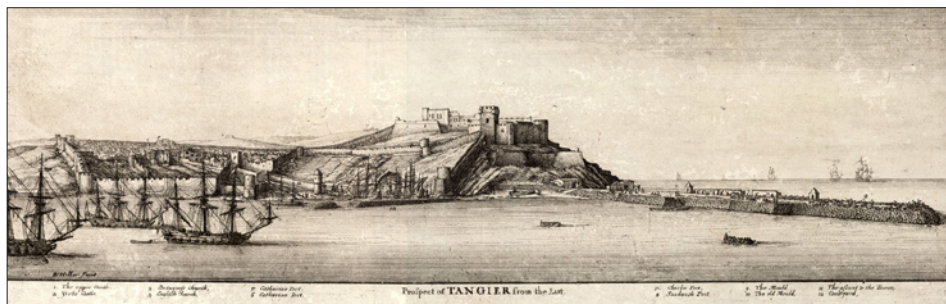


Fig. 18 – A cidade de Tânger e o grande molhe em construção. Gravura de W. Hollar, 1671 (?).

Caranguejo ou da Avestruz⁵⁹, que não deve ser confundido com outro levantado junto ao Castelo Novo⁶⁰. A planta mostra um longo quebra-mar iniciado junto ao Castelo Novo e prolongando-se até à altura da Porta do Mar e outro partindo da couraça secundário da referida fortaleza. Aparentemente, o molhe britânico foi lançado acompanhando este último quebra-mar, como alguns mapas ingleses mostram. Cremos serem os restos deste enrocamento que aparecem representados junto ao molhe em construção, numa elucidativa planta datada de 1670, particularmente rica em pormenores técnicos⁶¹.

Pela mesma época, algumas das excelentes gravuras de Tânger executadas por Wenceslau Hollar⁶², datadas de 1670-1673, mostram um velho molhe, quebrado e em mau estado, cujo traçado difere do que Pedro Teixeira representou, e o novo molhe em plena construção (Fig. 18), obras que, naturalmente, pouco correspondem ao que se vê no mapa de Leonardo de Ferrari. Na realidade, foram os britânicos que, com grande despesa e pouco resultado, tentaram dotar a cidade de um verdadeiro porto, de ambiciosas dimensões⁶³. Como em Ceuta, toda a área onde estas obras se levantaram encontra-se na actualidade completamente alterada pelas instalações portuárias construídas nas últimas décadas⁶⁴, as quais modificaram por completo a marginal urbana (Fig. 19).



Fig. 19 – A zona do antigo porto de Tânger na actualidade, vista do mítico Hotel Continental.

⁵⁹ Martin Elbl, *Tangier's Qasba Before the Trace Italienne Citadel of 1558-1566: The "Virtual" Archaeology of a Vanished Islamic and Portuguese Forteress*, *Portuguese Studies Review*, 17 (2), 2009: 1-44.

⁶⁰ Ana Mendes: 100-106.

⁶¹ E. G. Routh, *Tangier, England's Lost Atlantic Outpost, 1661-1684*, Londres, 1912: 259-260, 343-364

⁶² G. Williams, Wenceslau Hollar in Tangier, *History Today*, 33, 1983: 36-41.

⁶³ Routh: 364 [*A Draft of the Mole of Tangier, Taken in August 1670*, War Office, 55, Ordnance Miscellany, 1082 A, Vol. 1784, Public Office Record].

⁶⁴ Saoud Abdelmalek, *Port de Tanger*, in *El Estrecho de Gibraltar como lugar de nuevas oportunidades*, Veneza, 2006: 44-51.

Pedro Teixeira indica que Tânger contava com uma força de 2500 homens, não muito diferente dos efectivos disponíveis no período inglês, circunstância que tanto pode reflectir a importância da cidade, que Teixeira considerava muito povoada, condições tácticas mais difíceis ou maior dificuldade em ser auxiliada rapidamente. Todavia, o valor estratégico da praça era significativo, pelo que por várias vezes esteve relacionada com intervenções ditadas ou facilitadas pela dinâmica interna marroquina⁶⁵, o que poderá explicar melhor o interesse em manter uma custosa guarnição.

Os ingleses tomaram posse da cidade em 1661, evacuada no ano seguinte pela guarnição e pela maioria da população portuguesa, não sem que se tivessem verificado alguns conflitos. O governador britânico nomeado para Tânger queixou-se que os habitantes, ao partir, tinham levado tudo o que puderam, até portas e janelas, o que parece um tanto exagerado, tanto mais que alguns deles, sobretudo militares de cavalaria, se incorporaram na guarnição inglesa⁶⁶, parte da qual era constituída por antigos soldados republicanos e irlandeses católicos. Naturalmente, os residentes não gostaram da situação que lhes foi criada depois da fidelidade demonstrada à nova dinastia portuguesa e dos contínuos esforços despendidos na manutenção da cidade. Ainda assim tiveram melhor sorte que os habitantes de Mazagão em 1769, praticamente tratados como criminosos⁶⁷.

Que teria sucedido se Tânger, como Ceuta, mantivesse a lealdade a Filipe III? Embora a história alternativa seja apenas uma prática interessante como exercício académico, não parece absurdo admitir a continuidade da soberania espanhola na cidade, a menos que um ataque marroquino coroado de êxito alterasse a situação. Como se sabe, apesar da insistência e da notável melhoria do armamento magrebino, não aconteceu assim e Tânger, urbe votada a abandonos, acabou por ser evacuada pelos britânicos em 1684, na sequência de um grande ataque em 1680 e do bloqueio que se lhe seguiu, procedendo antes da partida à demolição de parte das fortificações e do enorme molhe ainda em construção, que aparece como concluído em certos mapas da época⁶⁸.



Fig. 20 – *On the Terrace, Tangiers*, pintura de Rudolf Ernst, 1880 (catálogo da leiloeira Christie, Londres, 2008).

⁶⁵ Marcel Peyrouton, *Histoire générale du Maghreb*, Paris, 1966 : 107-111; Elbl, 2013: 7-8.

⁶⁶ Routh: 10-15; John Davis. *History of the Second, Queen's Royal Regiment*, 1, Londres, 1887: 21-23, 32.

⁶⁷ José Azevedo e Silva, *Mazagão. Uma cidade luso-marroquina deportada para a Amazónia*, Viseu, 2007: 126-134.

⁶⁸ Wenceslau Hollar e Ionas Moore, 1664, *A Mapp of the City of Tanger, with the Straits of Gibraltar* (British Museum, Ee, 2.130). Neste belo exemplar cartográfico o molhe inglês aparece paralelo ao quebra-mar ou enrocamento português. Atendendo à data só pode tratar-se da antevisão do que se pretendia construir.

Na verdade, o breve domínio britânico da *Royal City of Tangier* foi marcado por graves perturbações e acabou por se revelar insustentável, ao que não foram estranhos sucessos da vida política inglesa da época. Os enormes custos necessários para melhorar a defesa da cidade (cerca de cinco milhões de libras), a desconfiança política na guarnição e a forma como foi argumento no contexto do fictício *Popish Plot* e da *Exclusion Crisis* pesaram decisivamente no abandono de Tânger, depois de recusada em 1683 a proposta portuguesa de devolução apresentada pelo Conde de Castelo Melhor⁶⁹. Logo reocupada pelos marroquinos, agora sob a dinastia Alauita, a cidade conheceu depois uma história complicada e multifacetada, aureolada por um certo romantismo orientalista (Fig. 20), gradualmente valorizado pela pintura, literatura e, posteriormente, pelo cinema, o que não deixa de suscitar reacções a um certo imaginário suspeito que envolveu a cidade e que permanece frequentemente evocado ainda hoje⁷⁰.

Em 1912, o Tratado de Fez estabeleceu formalmente que Marrocos ficaria na situação de protectorado, cabendo a maior parte do território à administração francesa e uma faixa a norte



Fig. 21 – Acção de protesto em 2015 contra a soberania espanhola em Ceuta (foto *North Press*).

à administração espanhola. A cidade de Tânger, capital diplomática de Marrocos, acabou excluída do acordo, pois o Reino Unido não estava interessado em conceder o uso deste porto excelente a qualquer potência que pudesse fazer perigar a posição de Gibraltar, desde logo a França, recebendo a cidade, em 1923, um estatuto internacional⁷¹, posto em causa nos primeiros dias da Guerra Civil espanhola, em 1936, pela abusiva presença de unidades navais republicanas no porto. Apesar

de Espanha ter ocupado Tânger em 1940, o regime franquista teve reservas na sua anexação, voltando o estatuto internacional a vigorar em 1945, assim se mantendo até à restauração da soberania plena de Marrocos em 1956.

A instabilidade conhecida nos últimos anos pelos países muçulmanos da área mediterrânica, longe de encontrar solução e terreno do exercício de novas e velhas rivalidades⁷², a vaga quase incontrolável das migrações ilegais e os vários tráficos que cruzam o Estreito, obrigam

⁶⁹ Routh: 236-246 [*British Library*, Add. Mns, 5. 752, fl. 51v^o].

⁷⁰ Mohamed Choukri, *Paul Bowles, le reclus de Tanger*, Paris, 1997: 9; A. Pérez-Reverte, *Eva*, Lisboa, 2018. Neste romance do autor espanhol voltamos a encontrar o famoso Hotel Continental, debruçado sobre os Degraus da Ribeira.

⁷¹ Graham Stuart, *The International City of Tangier*, Stanford, 1956².

⁷² Recordamos o episódio do reabastecimento em Ceuta de unidades navais russas a caminho do Mediterrâneo Oriental, criticado por determinados meios e apoiado por outros, inclusive pelas autoridades locais, invocando interesses económicos.

a manter a sua vigilância, num cenário internacional francamente volátil, no qual as marinhas europeias devem afinar a sua estratégia, como actualmente o faz Marrocos ao projectar desenvolver capacidade naval submarina⁷³. Talvez seja interessante notar que os Estados envolvidos directamente na soberania do Estreito são monarquias constitucionais, conferindo valor especial à tradição e, portanto, à simbologia. A ambígua manutenção da heráldica portuguesa em Ceuta, início e fim de impérios desaparecidos, a valorização histórica de Gibraltar como possessão britânica e a permanente reivindicação marroquina dos enclaves espanhóis (Fig.21), compreendem-se assim facilmente⁷⁴.

Por todas as razões, Portugal deve considerar que o seu interesse na região não pode ser considerado um anacronismo passadista, motivado por uma espécie de curiosidade histórica ou meramente turística, mesmo que justificado pelos remanescentes patrimoniais portugueses em Marrocos⁷⁵. Mais uma vez indiscutível dupla fronteira, onde pairam ameaças nem sempre obscuras, o Estreito projecta sobre o quotidiano perturbado do século XXI o peso do passado e os desafios do futuro, de que o formidável porto comercial de *Tanger Med*, muito perto de Alcácer Ceguer (Fig. 22), é já uma notável resposta a ter em conta⁷⁶. Desafios pacíficos ou menos pacíficos, tão presentes hoje como no tempo de Pedro Teixeira Albernaz. Afinal, de Faro a Tânger são apenas 146 milhas náuticas, espaço suficiente, todavia, para ainda separar dois mundos.



Fig. 22 – O grande complexo portuário de *Tanger Med*, perto de Ksar Sghir (foto Eric Gaba).

⁷³ Desde há alguns anos que Marrocos se interessa pela criação de uma força submarina, a estabelecer no Estreito, na base de Ksar Sghir. A posse de um número razoável de submarinos pela Argélia e a evolução geopolítica da zona ditam naturalmente esta opção, sugerindo o apoio que a Armada portuguesa presta à formação de pessoal submarinista marroquino a provável aquisição de unidades de construção alemã, tipo U-209 ou U-214.

⁷⁴ Todos estes países enfrentam problemas políticos, internos ou externos, que podem potenciar atitudes soberanistas intransigentes quanto ao *status quo* existente. Seria interessante tentar recriar o velho conceito de *Círculo do Estreito*, pujante realidade cultural e económica da Antiguidade, associando Marrocos, Espanha, Reino Unido e Portugal numa entidade de cooperação específica para a região, inclusive no tocante à segurança do Estreito, que hoje, na realidade, apenas acessoriamente compete aos Estados ribeirinhos.

⁷⁵ Denise Valéro, *Petit histoire des ruines portugaises au Maroc*, Casablanca, 1952 ; Romeo Carabelli, *L'héritage portugaise au Maroc. Un patrimoine d'actualité*, Mutual Heritage, 2012.

⁷⁶ Agence Spéciale Tanger Med, *Rapport d'Activité 2016*, Tânger, 2017

